

Não lutamos por integração
ou reparação lutamos para
sermos reconhecidos como seres humanos!
Resistência negra do IP!
Malcolm X

SAÚDE
NÃO SE VENDE
LOUCURA
NÃO SE PRENDE
QUEM TÁ DOENTE
É O SISTEMA SOCIAL

O TEMPO da Graduação NÃO é
UMA viagem PASSAGEIRA.
AS NECESSIDADES dos Estudantes
NÃO SÃO das Passageiras
PARIDADE JÁ!



Universidade e
dores acadêmicas:
modos de cuidar do conhecer?

RESISTÊNCIA EM ATO
RESISTIR
ATE
O FIM
RACA GÊNERO CLASSE
O CAPITAL
MARCA PELE MARCA ÍNTIMO
PROTESTO, BADERNA, PIKE
RESISTÊNCIA EM ATO
OCUPE A RUA
OCUPE
RE
A O F

QUE
F
AQUELE
QUE
FALA
CORRETO
E
NÃO
VIVE
O
QUE
DIZ

QUE IA SER
MAIS FACIL
CONTINUAR
APENAS
SONHANDO

JÁ OCUPADO

Gioreana de Andrade

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Giovana de Andrade

**UNIVERSIDADE E DORES ACADÊMICAS:
Modos de Cuidar do Conhecer?**

Porto Alegre

2019

Giovana de Andrade

**UNIVERSIDADE E DORES ACADÊMICAS:
Modos de Cuidar do Conhecer?**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto.

Porto Alegre

Giovana de Andrade

**UNIVERSIDADE E DORES ACADÊMICAS:
Modos de Cuidar do Conhecer?**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Apresentado em: 09 de julho de 2019

Orientadora: Prof^a. Dr^a Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto - UFRGS

Comentadora: Prof^a. Dr^a Vanessa Soares Maurenente - UFRGS

Agradecimentos

à minha mãe, por estar sempre comigo e ao meu pai, por sempre acreditar em mim.

à vó Ceula e à vó Sueli, por me ensinarem o que é ser forte. à Teti, pelo amor incondicional. e à toda a minha família, por confiar em mim.

ao Gabi, por não soltar minha mão.

à Gi e Gabi, por serem as melhores amigas de toda uma vida

à Lari, por ser morada.

à Ana, Andressa, Gi, Jana, Lari Guedes, Lu, Nati, Paula, Vit, por serem as melhores amigas que eu poderia encontrar na universidade.

aos demais colegas da Psicologia, por compartilharem experiências e pensamentos.

à Rena, por ser um pouco de Caxias na capital.

à profe Gislei, por ser uma professora incrível que acredita nos seus alunos, por me apoiar em meus projetos e me orientar nesse trabalho. à todos os outros profes que passaram por mim na graduação.

a todos locais de estágio que me permitiram aprender consigo, especialmente ao CAPS AD GCC: à supervisora Cida, por me ensinar tanto, à equipe e aos usuários, por me acolherem tão bem.

a todos que me emprestaram um pouquinho de si durante esse trajeto e me ajudaram a não desistir.

*A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.*

(Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano)

Resumo

A escrita deste trabalho aborda os modos de ver e viver as relações no contexto universitário, com ênfase na perspectiva da experiência de estudantes. Para tal tarefa, toma-se como ferramenta a escrita rizomática no processo de compor uma cartografia da experiência no percurso de formação numa universidade. A inspiração para fazer da experiência um modo de expressão com uma escrita narrativa foi a partir da leitura da escrevivência de Conceição Evaristo. Através de narrativas, pretende-se criar um regime de fazer falar e ver a respeito dos modos de (des)cuidar da vida universitária. Nesta compreensão, busca-se o estudo das relações entre o neoliberalismo com a lógica meritocrática de empreendedorismo de si, engendrado ao necropoder que tensiona a questão da vida e da morte, tendo em vista o saber acadêmico e o saber da experiência na universidade. Assim, este trabalho de conclusão se propõe a manter viva com leitoras e leitores a questão: Como produzir saúde e conceber o cuidado com a vida universitária na realidade neoliberal de individualismo e empreendedorismo de si? Coloca-se como experiência de cuidar do conhecimento a ocupação por estudantes do prédio do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: universidade; formação; experiência.

Sumário

1	PERCURSO DO TCC.....	7
2	NARRATIVA I - A UNIVERSIDADE FALA.....	9
3	ANÁLISE DA DEMANDA.....	14
4	CARTOGRAFANDO.....	16
5	UNIVERSIDADE EM ANÁLISE.....	18
5.1	Neoliberalismo.....	19
5.2	Necropoder e necropolítica.....	20
6	NARRATIVA II - O PRÉDIO FALA.....	23
7	SABER DA EXPERIÊNCIA.....	27
8	NARRATIVA III - A OCUPAÇÃO FALA.....	30
8.1	Diário de bordo da ocupação.....	31
9	OCUPAÇÃO: CORPOS REUNIDOS.....	43
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	COM QUEM ESCREVO (REFERÊNCIAS).....	46

1. Percurso do TCC

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco.

(Jorge Larrosa)

A escrita de um trabalho de conclusão de curso não é a escrita de só mais um trabalho acadêmico. Um trabalho de conclusão pode ser apenas a finalização formal de cinco anos de graduação através de uma escrita nos moldes da academia que terá tal conceito e é imprescindível para receber um diploma autorizando alguém a ser psicólogo/a - mas também pode ser muito mais coisas.

Conceição Evaristo cunhou o conceito *escrevivência*, o qual tomo como inspiração: “escrever pode ser uma espécie de vingança (...) talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança.” (EVARISTO, Conceição, 2003, p.2). Tomo a escrita neste trabalho como forma de ferir o silêncio - seja aquele que eu me impus durante os anos, ao não me sentir autorizada a falar sobre o que se passava dentro de mim; ou aquele que foi decretado acima de mim e meus colegas, porque mesmo no ambiente mais desconstruído, certas coisas ainda não podem ser ditas; ou seja, aquele que por vezes paira sobre nós, quando a realidade é pesada demais para sabermos o que falar. Uma inspiração para escrever pode ser a possibilidade de libertar-se de algumas verdades e passar a ser outra coisa para além do que já somos. (LARROSA, 2014)

Então, esse trabalho não é apenas mais um trabalho para mim. Também significa juntar todas minhas forças (muito além de conhecimentos) para expressar o que ficou guardado com o silêncio e que neste momento encontra uma forma de dizer. Uma passagem do “dentro de mim” para “dentro de nós”, que situa o fora que me constituiu - e que nos constitui - neste tempo que diz da vida universitária, seus silêncios e seus sofrimentos.

A *escrevivência* significa contar histórias que são individuais, porém referem-se a experiências coletivizadas, “uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de

posições distintas.” (SOARES, Lissandra V. & MACHADO, Paula S., 2017, p. 206). Então, escrevo aqui com a escrita da experiência, a escrita da vivência, a escrita dos sentidos e das emoções, tentando juntar os pedacinhos, trazendo de volta o coração à razão.

Em um trabalho final de supervisão acadêmica, refletindo sobre a experiência de estágio obrigatório, escrevi:

A nossa ferramenta de trabalho somos nós mesmos, é impossível separar o pessoal do profissional, no sentido que se nossa saúde mental não está preservada, não conseguiremos realizar um bom trabalho, tanto que uma das indicações é que terapeutas estejam realizando terapia pessoal. Questiono também: até onde conseguimos ir quando não nos identificamos com o trabalho realizado? Quando as prerrogativas da nossa prática clínica não condiz com àquela que acreditamos e defendemos? É possível esticar nossos limites e agir dentro do que acreditamos, mesmo com algumas imposições?

Durante essas práticas, já me questionava sobre a produção de cuidado na formação universitária. Falar a partir da minha experiência não significa falar de mim mesma, mas sim “colocar a si mesmo em jogo no que se diz ou pensa, expor-se no que se diz e no que pensa.” (LARROSA, 2014, p. 903). Seriam esses questionamentos individuais? Apenas uma experiência pessoal, sem implicações sociais? A dificuldade era apenas minha ou produto de uma realidade comum a todos? A partir dessas reflexões, este trabalho de conclusão foi delineado a fim de trazer questionamentos à tona, problematizar para tensionar vivências acadêmicas – ou dores acadêmicas? - , muitas vezes tomadas como normais.

Para a apresentação deste trabalho, foi produzido um vídeo com imagens da cidade e da universidade e vozes de diferentes pessoas que me ajudaram a pensar a universidade durante estes anos de graduação e contribuíram em para a minha escrita.

2. Narrativa I – a Universidade Fala

Naquele dia, não tinha recebido muitas visitas. Eram férias, período em que grande parte dos visitantes vai viver seus dias com outro alguém, mas alguns ainda permanecem comigo. Fazia calor, sempre é quente nessa época do ano. Aqueles que voltam a me visitar normalmente estão bronzeados. Ele não estava. Confesso agora, envergonhada, que não sabia o nome dele. A minha desculpa é que muitos vêm e vão, fica difícil memorizar todos. Mas, como um dos visitantes daquela época do ano, eu lembrava de tê-lo visto algumas vezes. Seria coerente dizer que o vi sozinho, cabisbaixo, triste ou desanimado, mas também seria mentira. A quem eu queria enganar? Faz tempo que já não os noto muito. Principalmente os mais novos, recém chegados, alguns quietos, outros barulhentos. Mesmo aqueles que eram presentes demais, falando alto e exigindo muito, eu tratava de ignorar, colocá-los num canto da mente. A culpa é minha, vão dizer - e em parte, têm razão. Mas eu sei quão difícil é essa tarefa de ter que abarcar um mundo de conhecimento em minhas mãos. Não pensem que sou melhor ou mais forte que vocês, eu também sangro.

Vi um burburinho começar e não dei muita importância. Quando a rotina estava mais calma, eu procurava me ocupar de tudo aquilo que não conseguia o ano inteiro. Imersa nas minhas infinitas tarefas, fui perceber o que tinha acontecido quando saiu uma notícia no jornal. Não

estou acostumada a sair no noticiário, como um reflexo da sociedade midiática atual, só apareço quando algo não vai bem.

Como isso foi acontecer comigo? foi meu primeiro pensamento. Como se eu fosse injustiçada ou exclusiva. Sei que não, já vi isso acontecer antes, porém, quando é com a gente, tudo muda, não é? Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até isso acontecer. Novamente, aqui vão me culpar. Mas o que eu poderia ter feito? Uma bomba relógio prestes a explodir, era como eu me sentia.

Peço desculpas pela correria, acabou que eu não me apresentei direito. Quem eu sou? Essa pergunta é bem complicada, não é? O que será que eu posso te contar que talvez você ainda não saiba? Eu sei que você me conhece, muitos me conhecem e já tem seu pré julgamento sobre mim. O que posso fazer é te contar a minha história: nasci em 1895¹. O quê? Você achou que eu era mais nova? Não, eu já vi e vivi muitas coisas nesse mais de um século de vida. Em 1934², já adulta, assumi compromissos maiores, mas foi só em 1950³ que me tornei o que hoje me nomeiam.

Ao longo desses anos, sinto que fui me tornando muito impessoal, até insensível, no nome de algo maior que eu - a busca pelo conhecimento.

¹Fundação da Escola de Farmácia e Química e em seguida, da Escola de Engenharia.

²Foi criada a Universidade de Porto Alegre, integrada inicialmente pelas Escola de Engenharia, Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito, Faculdade de Agronomia e Veterinária, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Instituto de Belas Artes.

³ A universidade foi federalizada, passando a ser Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Acho que passei a me importar mais com a produtividade de conhecimento, do que quem conhece e para quê conhece. É estranho, pois aqueles que me acompanharam passaram a ser apenas ferramentas para mim. É difícil falar isso, pois são pessoas de quem eu estou falando, mas acho que é melhor falar a verdade, né? Eu sou muito relevante na sociedade, quase todos esperam algo de mim, então passei a viver uma tensão de querer agradar muita gente e acho que nesse percurso acabei me esquecendo de algo muito importante: aqueles que estiveram e estão junto de mim.

Passei a cobrar cada vez mais de todos, mas, veja bem, não foi por mal, é que me colocaram nessa posição. Claro que eu poderia ter feito algo sobre, poderia ter nadado contra a corrente, mas seria muito custoso para mim. Na tentativa de ser sempre a melhor¹, acho que fui perdendo um pouco aquilo que me tornava mais humana.

Nos últimos tempos, não são raros os momentos que assisto àquilo que chamam de saúde mental se deteriorando ou lenta e progressivamente ou rápida e abruptamente entre idas e vindas de quem me rodeia. Relatos de adoecimento psíquico estão ficando numerosos, sejam os mais discretos, confessados entre colegas ou os mais aparentes, expostos para quem puder ver.

¹ “Pelo sétimo ano consecutivo, UFRGS é a melhor universidade federal do país em avaliação do MEC” Zero Hora, 2018. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2018/12/pelo-setimo-ano-consecutivo-ufrgs-e-a-melhor-universidade-federal-do-pais-em-avaliacao-do-mec-cjptr4gme0m2701pirlzqtcbc.html>

Eu sei que faz parte da natureza humana sentir e sentir dor. Eu não poderia me dar ao luxo de permitir isso, pois eu sabia que no momento que essa dor começasse a aparecer, eu também iria sofrer (tanto que agora estou aqui). Eu não fui criada para buscar o conhecimento? A razão? Sentia que não havia espaço para a “desrazão” dentro de mim, era para eu fornecer respostas e não dúvidas e mais dúvidas. Por isso que eu disse antes que me sentia uma bomba-relógio. Não fui projetada para suportar o sofrimento alheio, por isso eu o sufocava, mas alguma hora tudo isso ia transbordar. O que enuncia este acontecimento que grita o sofrimento entre minhas paredes?

Aluno é encontrado morto em campus. De acordo com Universidade era um estudante de 23 anos do curso de Ciências da Computação. Para a delegacia de homicídios, a morte é investigada como suicídio.¹

"Na véspera de uma prova final, quando uma colega falava sobre estudar, tive uma crise feia de ansiedade, pela simples menção de estudar mais. Eu estava esgotada e fui para casa decidida a me matar. Ainda não entendo como, mas consegui sair do estado entorpecido e lutar contra isso. Em 2016, na transição entre o terceiro e quarto semestre, eu também me sentia esgotada, e naquela ocasião de fato tentei suicídio"²

- Uma aluna me falou: "Será que não é verdade que a gente é fraco?". Não acho que eles são mais fracos, acho que eles talvez sejam mais fortes. Eles não aceitam algumas coisas tem um lado positivo, é resultado de uma mudança na sociedade. Os alunos têm menos vergonha de pedir ajuda.³

¹Título de publicação do G1 em 21/01/2019, disponível em <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/01/21/homem-e-encontrado-morto-em-campus-da-ufrgs.ghtml>

²Depoimentos de página do Facebook, criada por estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2018, com publicação em reportagem de 09/08/2018, <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2018/08/alunos-de-medicina-da-ufrgs-relatam-tentativas-de-suicidio-e-casos-de-assedio-moral-cjkmhwr2g001201qkthvbpdd3.html>

³ Idem

Então, com tudo isso acontecendo, me falaram para procurar você, que vocês psicólogos e psicólogas ajudam pessoas na mesma condição que eu. É assim mesmo? Eu nunca fiz terapia antes. O que você me diz? De que trata essa enunciação? Como se entrelaçam formação e saúde na experiência que vivo neste momento histórico?

3. Análise da demanda

Na tentativa de receber o pedido desta vida institucional universitária toma-se como referência a escrita rizomática cartografando principalmente àquilo que concerne aos estudantes universitários, porém sem deixar de reconhecer as experiências vividas pelos demais habitantes desse mundo acadêmico.

Dentro de uma universidade, diversos públicos se encontram - alguns mais visíveis que outros. O grupo de trabalhadores/as da universidade é constituído por docentes, técnicos/as-administrativos e profissionais terceirizados/as que ocupam o mesmo território como local de trabalho, porém com enormes diferenças em suas práticas e reconhecimento. O/a professor/a universitário/a desempenha a tarefa fim da universidade: a educação. Aqui já percebemos um novo rumo que a universidade vem tomando, junto a sociedade em geral: a terceirização. Os/as trabalhadores/as terceirizados/as vivenciam uma grande precarização do trabalho tanto pela condição de terceirização, quanto pela desvalorização das atividades que desempenham. Os/as professores/as em sua maioria são brancos/as, já os/as terceirizados/as em sua maioria negros/as, o que evidencia o tom das cores da universidade e a racialidade dos modos de ocupar o trabalho mais e menos qualificado. E os/as estudantes? Isso logo mais terá lugar neste escrito. São relações que compõem a experiência que move a vida universitária e que produz as dizibilidades e visibilidades de seu funcionamento e da sociedade que a constitui.

Como percorrer tamanha trama de relações na heterogeneidade de elementos que produzem este pedido: “Como se entrelaçam formação e saúde na experiência que vivo neste momento histórico?”. Inicialmente, a tarefa percorreu a proposta de pensar esta questão no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em diálogo com outras universidades públicas no Brasil¹, fazendo desta cartografia em curso a possibilidade de ampliar as conexões em rizoma, criando um mapa da saúde mental no contexto universitário. Ousada proposta! Talvez esta seja a demanda em produção com o pedido que fala a narrativa I, mas teria um trabalho de conclusão de curso fôlego para tal tarefa? Mais que isso, neste denso campo problemático -

¹Utilizando dados de pesquisa sobre perfil socioeconômico dos estudantes de graduação de instituições federais de ensino superior da ANDIFES. Ver mais em http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduando-das-IFES_2014.pdf

composto por universidade, formação, produção de conhecimento, juventude, docência, profissão, trabalho – seria este o trajeto de minha vivência ao fazer da experiência de silêncio uma escrita?

O rizoma, diferente de uma árvore, é antigenealógico (DELEUZE & GUATTARI, 1996). Seguindo pela conexão e heterogeneidade, não se parte de um princípio para debruçar-se sobre si mesmo, não apresenta um início ou fim - todos pontos do rizoma são conectados entre si. As reflexões e análises aqui narradas buscam cartografar o processo de pensar esta demanda a partir da posição de uma estudante - e de uma professora que orienta este estudo – constituindo um espaço de escuta da polifonia de vozes que nos atravessam e solicitam expressão.

A escolha da temática se dá pela urgência em se discutir as dores dentro o contexto universitário, movida pela experiência que se faz forma de escrever em diálogo com vozes que enunciam um campo problemático coletivo, envolvendo pensar como estão sendo enunciadas e atualizadas vivências de sofrimento em relação à formação. Na heterogeneidade de elementos e conexões que compõem o campo de forças da problematização das relações entre formação e saúde na universidade, se faz a cartografia de um destes encontros de linhas, um nó que se localiza em nós: narrar a experiência de formação no exercício de (des)cuidar da vida universitária.

4. Cartografando

Invento? Sim invento, sem o menor pudor.

Então as histórias não são inventadas?

Mesmo as reais, quando são contadas.

Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu.

*Entre o acontecimento e a narração do fato,
alguma coisa se perde e por isso se acrescenta.*

(Conceição Evaristo)

A cartografia, em uma concepção da Geografia, é um estudo de elaboração de mapas, plantas ou outras expressões através da coleta de dados por observações ou levantamento de documentação existente. Conta com técnicas científicas (como instrumentos e estatísticas) e artísticas (na elaboração gráfica) para representar no papel aquilo que é observado do espaço. É uma prática antiga que auxilia o ser humano a compreender, interagir e experimentar o mundo. Cada representação gráfica é útil para os interesses de quem a produziu, portanto uma mesma realidade pode ter diversas interpretações cartográficas (IBGE, 2009). Assim, não há uma verdade absoluta quando trata-se de cartografia. Tomemos um exemplo clássico: as representações de mundo de Mercator e Peters. No primeiro, as formas dos continentes são mantidas, porém as proporções de tamanho são distorcidas; já no segundo, ocorre o inverso. O mapa de Mercator é adequado para navegações, já o de Peters pretende dar uma ênfase ao então denominado terceiro mundo, que aparece desvalorizado no primeiro mapa. Nenhum deles está errado, apenas são representações diferentes de acordo com as intenções de quem o idealizou. Também não são representações puras e neutras da realidade, cada uma carrega com si um viés ideológico e político de visão do mundo.

Assim como na Geografia, partimos do que é observável sobre o mundo e da busca de materiais que nos ajudem a compor esse estudo, porém não trata-se de um mapeamento físico, mas sim um mapeamento de vivências, experimentações, relações humanas (sejam entre si, com o território e contexto sócio-histórico) jogos

de poder; modos de subjetivação e produção de subjetividades. (PRADO FILHO e TETI, 2013).

Passos, Kastrup e Escóssia (2015) colocam que o sentido tradicional da metodologia se dá a partir da própria etimologia da palavra: *metá* (metas dadas como ponto de partida) e *hódos* (caminho predeterminado por essas metas). Pela cartografia, propõe-se inverter o sentido e transformar o método tradicional em *hódos-metá*, buscando experimentar durante o percurso e deixar-se ser experimentado, sem um objetivo pré-definido. Galeano (1989) escreve que sábios seriam os pescadores que definiram a linguagem da verdade como *sentipensador*. Diferente de distanciar-se, deve-se entender que o cartógrafo é parte do estudo e então poder dar vazão aos próprios sentimentos durante a experiência, entendendo o sentir e pensar como esferas indissociáveis.

A cartografia permite percorrer a heterogeneidade que compõe a realidade, evidenciando as singularidades que nos constituem, sem estabelecer leis universais sobre um suposto sujeito epistêmico. Não perdemos de vista que não se trata “de se encontrar com a verdade, trata-se de dizer sim a isto e a aquilo, de afirmar *uma* verdade no encontro com o mundo.” (COSTA; ANGELI; FONSECA, 2012, p. 45, grifo dos autores). Trata-se de visibilizar produções de subjetividade, que são resultados de contextos histórico, político, social. Aqui subjetividade não é entendida como interioridade ou essência, mas sim como efeito de jogos de forças externas localizadas espacial e temporalmente. A subjetividade se produz na relação daquilo que atravessa o sujeito, “no movimento, no ponto de encontro das práticas de objetivação pelo saber/poder com os modos de subjetivação: formas de reconhecimento de si mesmo como sujeito da norma, de um preceito, de uma estética de si.” (PRADO FILHO & MARTINS, 2007)

5. Universidade em análise

A universidade pública é o local onde são desenvolvidas novas tecnologias, soluções, pesquisas, onde há o desenvolvimento do senso crítico e ético para a cidadania e para exercer a profissão escolhida. Teria a universidade se tornado analisadora daquilo que busca produzir, de forma que não dá conta de si mesma?

Relações de poder, segundo Foucault (1995), são todas aquelas em que há possibilidade de resistência. A partir dessas relações, surgem jogos de verdade, que não dizem respeito a uma verdade específica, mas sim determinada conduta que deve ser tomada em determinado contexto. Os jogos de verdade ocidentais contemporâneos operam através da lógica neoliberal, pela supervalorização do capital e da propriedade privada, o que leva a uma competitividade exacerbada, em que o outro é visto como um inimigo e não um aliado.

Na universidade, os jogos de verdade no contexto neoliberal implicam no modo de produção de conhecimento, tomando valores de mercado, a produtividade de conhecimento. Assim como uma empresa, a academia deve estar constantemente fornecendo resultados de suas práticas, resultando em uma produtividade acadêmica muitas vezes vazia de sentido, apenas para cumprir o que é demandado socialmente. Existe um ideal de produção deste conhecimento, seja científico ou crítico, que muitas vezes anula outras formas de conhecer, pensar e imaginar. O/a estudante que entra na academia deve modular-se de acordo com o que é esperado, abdicando de outras formas prévias de conhecer, que não são consideradas legítimas no contexto universitário.

Além disso, nos tempos de intensificação da lógica neoliberal, está em vigor uma maneira de governar que coloca em questão outros modos de lidar com a vida e a morte. Conforme Mbembe (2018), o estado passa a produzir a morte: acontece uma anulação do outro, que torna-se descartável e passível de aniquilação. O outro não é digno de existir. Dessa forma, questiono: estaria presente na academia uma política de fazer morrer o saber da experiência e o outro que habita em nós?

5.1 Neoliberalismo e universidade

O neoliberalismo implica na individualização e crescente apagamento do coletivo. As mobilizações se enfraquecem, não há mais um sentimento de coletividade que una sujeitos em prol de um objetivo em comum. Estudamos, trabalhamos, fazemos o que devemos fazer e voltamos cada um para nossas casas, alheios ao mundo ao nosso redor. A relação com o mundo se dá de forma alienada e narcisista, “os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração”, como apontou Guattari (2011, p. 8)

(...) as redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão...

Esse individualismo e certa apatia com o mundo não se dão por acaso. As práticas neoliberais procuram transformar o sujeito em um empreendedor de si, que é unicamente responsável pelo seu sucesso e conseqüentemente pelo próprio fracasso. Os indivíduos passam a tomar valores baseados unicamente no mercado, produzindo então um capital humano para empreender a si mesmo (HAMANN, 2012).

No contexto acadêmico, o estudante é tomado como causa e consequência de seu desempenho, conforme Vanessa Mauren (2019, no prelo), “somente ele pode usufruir do seu sucesso ou definir em seu fracasso, de modo que será impelido a constituir determinadas relações de competição com os outros e consigo mesmo.” Em um território que deveria ser de compartilhamento de saberes, muitas vezes os/as estudantes se vêem obrigados a empreender a favor de si e conseqüentemente contra o outro.

Boaventura de Sousa Santos, em entrevista com Guilherme e Dietz (2015), cita algumas dimensões do processo neoliberal dentro da universidade, como: falta de investimentos suficientes para universidades públicas; rankings (classificações) das universidades; indicadores quantitativos que balizam a docência e a pesquisa e a gestão de universidades como um negócio nos moldes do capitalismo. O professor considera que a ideia de que o único valor do conhecimento é o valor de mercado é o que vai matar a universidade.

O imperativo da produtividade acadêmica é visível de forma mais intensa na pós-graduação, porém também está presente durante a graduação, levando em conta

que os/as professores/as estão mais expostos a esse regime de neoliberalização da universidade em suas relações de trabalho. Quais lugares ocupam a graduação e a docência no trabalho de um/a professor/a que deve atingir determinados níveis de produção acadêmica em forma de pesquisas e artigos?

5.2 Necropoder e necropolítica

Apesar de tudo, a morte que agora se está levantando da cadeira é uma imperatriz.

Não deveria estar nesta gelada sala subterrânea, como se fosse uma enterrada viva, mas sim no cimo da mais alta montanha presidindo aos destinos do mundo, olhando com benevolência o rebanho humano, vendo como ele se move e agita em todas as direcções sem perceber que todas elas vão dar ao mesmo destino, que um passo atrás o aproximará tanto da morte como um passo em frente, que tudo é igual a tudo porque tudo terá um único fim, esse em que uma parte de ti sempre terá de pensar e que é a marca escura da tua irremediável humanidade.

(José Saramago)

Como falar daquilo que negamos a vida inteira? A morte é uma das únicas certezas do ser humano, mas representa a sua maior incerteza. Tudo é igual a tudo, diz Saramago (2011), porque tudo terá um único fim. À morte é relegado um papel sombrio e recluso, quando é Ela que preside o mundo. É quase desumano conceber o fim de tudo que conhecemos. A morte não é isso: o fim daquilo que conhecemos? A nossa própria mortalidade é o que nos limita e também nos dá asas. A única finalidade de tudo que temos aqui é a morte, o único sentido do caminho da vida é a morte.

A morte, em sua soberania, é tomada como ferramenta de Estado. “Fazer viver e deixar morrer” sintetiza o conceito de biopoder de Foucault (2005). O Estado exerce um controle dos corpos, determinando quais modos de viver são válidos ou não. Esse controle perpassa todas instituições do Estado, como educação, saúde, assistência. Somente aqueles que se encaixam em determinados moldes específicos têm o direito de viver. O que foge à norma não merece viver, portanto é deixado para morrer. O “deixar morrer” aparece na negligência com determinadas populações, por exemplo.

É um controle populacional que se dá através da modulação das condutas individuais. O biopoder abrange a biopolítica, que é a forma como o Estado estrutura esse controle dos corpos.

Partindo desses conceitos pensados por Foucault (2005), Mbembe (2018) propõe os conceitos de necropoder e necropolítica. A sociedade contemporânea não estaria vivendo mais um regime de produção de determinadas vidas, mas sim a produção de determinadas mortes. O Estado não busca mais apenas o controle através da modulação da conduta individual dos sujeitos, mas também o controle através do extermínio de determinada população. Necropoder seria a junção dos conceitos de biopoder e necropolítica (NOGUEIRA, 2018). Algumas populações não têm o direito de viver, portanto o que resta para as mesmas é a morte. O que antes era administração da vida e constituição de modos de viver torna-se progressivamente a administração da morte e dizimação de povos.

Essa progressiva passagem da biopolítica para a necropolítica se dá com o avanço do neoliberalismo na organização social. As instituições não dão mais conta dos marginalizados. Um exemplo das estratégias em curso da necropolítica no Brasil é o genocídio da população negra periférica pelas mãos do Estado, através do poder de polícia. A necropolítica se faz visível

(...) no sistema carcerário, na população em situação de rua, nos apartheids urbanos nas grandes e pequenas cidades brasileiras, em dados relevantes, no genocídio da população negra que em sua maioria é jovem e masculina, na eclosão dos grupos de justiceiros, nos hospitais psiquiátricos, nas filas das defensorias públicas, nas urgências e emergências hospitalares, entre tantos outros lugares. (LIMA, 2018, p. 28)

Mbembe nos oferece ferramentas epistemológicas para ler fenômenos como esse. A partir dessa concepção, um novo regime é colocado à tona, não mais estamos falando de condições de viver, mas sim de condições de morte, violência, opressão e sofrimento. Há um tensionamento entre vida e morte que não estava presente no biopoder foucaultiano, pois a política passava por uma modulação de comportamentos e não uma aniquilação. Presenciamos, atualmente, o descaso com a vida humana, com o outro, existem vidas precárias que não são dignas de existirem.

De que forma sentimos isso no contexto acadêmico? A academia, como produção de conhecimento, tecnologia, como um local de pensadores, depara-se com o necropoder seja na pesquisa, na extensão ou no ensino. Universitários, em sua maioria jovens, se dão conta de uma realidade intragável, deparam-se com o fazer morrer, batendo de frente com suas subjetividades e singularidades, com seus

medos, receios e limitações. Como uma realidade de morte poderia produzir saúde? Cortes no orçamento da educação pública já indicam uma aniquilação em curso.

No caso da Psicologia, conceber o cuidado do outro na necropolítica seria travar uma luta contra a morte? Uma guerra que já inicia-se perdida, pois com a morte ninguém tem vez? Talvez a morte do saber da experiência?

6. Narrativa II – o Prédio fala

Ao passar pela rua Ramiro Barcelos nº 2600, o transeunte desavisado pode até não notar que estou na esquina com a avenida Ipiranga. Meu nome é Instituto de Psicologia (desde 1995)¹, ou IP para os íntimos. Se essa pessoa não tem nenhuma relação com o prédio, não conhece ninguém que frequenta meus corredores e salas, provavelmente não sabe que, apesar do nome, também abrigo os cursos de Serviço Social e Fonoaudiologia (uma recente ampliação de meus habitantes). O que importa o nome do prédio? alguns questionariam. Afinal, é apenas um prédio. Para quem frequenta, é muito mais que isso. É aqui que os estudantes de Psicologia passam a maior parte dos anos de graduação. Alguns caminham pelos corredores confiantes, como se sempre pertencessem aqui. Outros demoram para sentirem-se em casa e muitos nunca o fazem.

Tenho passado por algumas mudanças ultimamente. Um século de vida nos faz repensar nossas práticas. Talvez você pense que não, mas você também chegará a um ponto da vida que irá questionar o que vem fazendo. Será que eu deveria ter feito isso mesmo? Onde eu errei? No que acertei? Por que agi assim? Não se trata de um questionamento solitário, pois são muitas as relações que me posicionam no lugar que

¹ (PICCININI et al., 2014)

ocupo e debatem sobre os caminhos que devo seguir. Neste percurso, no país onde moro movimentos sociais foram ocupando meu pensamento e criando a necessidade de um debate de mudança que eu adiava. Era contraditório, pois ao mesmo tempo em que eu afirmava a aproximação a realidade de todas as pessoas, eu tinha regras que impossibilitavam que se aproximassem de mim. Mas enfim, passei a aceitar aquilo que antes não aceitava. Quer dizer, não é que eu não aceitava, eu não enfrentava o conflito, tinha uma certa comodidade manter a vida naquela ilusão. Foi em 2008¹, após refletir bastante (na verdade, após ser bastante incomodada por outros) que decidi fazer uma mudança no meu visual.

Me abri para diferentes pensamentos, diferentes culturas. Desde então, confesso, eu vejo o mundo mais colorido. Não foi fácil, não vou mentir pra você. Aliás, não está sendo fácil. Esse foi um dos momentos que vi tudo mudar dentro de mim, eu não consigo mais levar a vida que eu levava antes, muitas mudanças e eu não sei direito para onde ir.

¹ Implementação da política de ações afirmativas na UFRGS, ver mais em <https://www.ufrgs.br/acoesafirmativas/2019/01/21/relato-historico-sobre-as-principais-etapas-para-a-implantacao-e-o-desenvolvimento-do-programa-de-acoes-afirmativas-da-ufrgs/>

Ei, nós também queremos falar! Também estamos vivendo tudo isso e temos nossa própria perspectiva. Você teria um tempinho para nos ouvir? Somos estudantes, temos vivências em comum, porém diversos fatores interagem com esse “ser estudante” e nos atravessam de formas diferentes. Frequentamos a mesma universidade, mas cada um sente de uma forma as paredes, portas e janelas desta vida institucional. Atravessamos o mesmo rio, entretanto cada barco foi construído de uma forma, em alguns há furos, em outros não. Alguns conseguem tapar os furos, outros não. Alguns acabam pulando antes de chegar ao outro lado. É observando e pensando essas semelhanças e diferenças que vivem nos nossos corpos, vendo a cada dia as desigualdades e privilégios que estavam nas descrições e agora estão entre nós, que é possível refletir sobre a universidade, os modos de conhecer e o cuidado com o conhecer.

No Instituto de Psicologia, as angústias de ser estudante são pouco compartilhadas. O cuidado de si não é encarado como relevante para a lógica acadêmica, levando a um silenciamento ou isolamento daqueles que sofrem. Além de confrontarmos-nos com esses jogos de verdade dentro da academia, também vivenciamos o desafio de ser psicólogo em formação. Na profissão de psicólogo, há que se deparar com situações, muitas vezes, tristes, precárias, violentas para se viver e ouvir. Ser psicólogo requer maturidade para entender os limites como

profissionais e lidar com frustrações frente a casos que, talvez, não seja possível contribuir para alguma mudança significativa. Essa compreensão não é dada, mas sim algo que vai sendo construído lentamente ao longo da graduação e da prática profissional. Ser estagiário abarca também a insegurança de não se sentir preparado o suficiente para lidar com tudo isso, com a pressão de responsabilizar-se completamente pelo próprio desempenho. Nos dizem que somos os únicos responsáveis pelo nosso fracasso ou sucesso. Como assim? E todos aqueles que vieram antes de nós, não são parte disso? Todas as condições materiais e imateriais que deram forma ao nosso ser e agir não constroem caminhos conosco?

7. Saber da experiência

Celebração de bodas da razão com o coração

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração. Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade.

(Eduardo Galeano)

Somos colonizados/as. Não é nenhuma novidade que fomos colonizados/as, qualquer cidadã/o brasileira/o mais ou menos consciente da história do país sabe disso. Reconhecer que ainda somos colonizados/as pode ser mais difícil. Replicamos ou almejamos estilos de vida que pouco têm a ver com a realidade brasileira. Comemos o que eles comem, vestimos o que eles vestem, assistimos o que eles querem, lemos o que eles produzem. Mas quem são eles? Na academia e na Psicologia, isso não se opera de forma diferente: nosso conhecimento é colonizado. Como operar com conceitos e teorias elaborados fora da nossa realidade latinoamericana, de terceiro mundo, mas principalmente, brasileira?

Uma possibilidade de produzir conhecimentos descolonizados é através do saber da experiência. Partindo da conceitualização de Larrosa (2014), a experiência é aquilo que nos toca, que nos move e não pode de forma alguma ser quantificada, objetivada e tomada como uma verdade, um fato ou uma realidade. Nem tudo que acontece é experiência, mas sim aquilo que nos toca de alguma forma.

A lógica acelerada da sociedade acaba por destruir a experiência. Tomando um exemplo da literatura: José Arcadio Buendía acha que a máquina do tempo quebrou, porque não vê diferenças entre o dia de hoje e o dia de ontem, sente como se todos os dias fossem segunda-feira (MÁRQUEZ, 1967). Se não há uma ruptura no tempo, um momento de interrupção e suspensão, não há diferença entre o dia de hoje e ontem, não há experiência. Vivemos uma enxurrada de obrigações, compromissos,

tarefas, mas poucos momentos de contemplação. Não viveríamos todos os dias iguais, assim como José Arcadio Buendía, mas ao contrário dele, por excesso de informação? No contexto da educação, o sujeito encontra-se em uma demanda permanente de atualização,

é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. (LARROSA, 2014, p. 201)

Para darmos conta de uma experiência, é necessário que haja uma produção de sentido a partir daquilo que nos acontece. Larrosa (2014) dialoga com Kertesz, Benjamin e Agamben sobre experiência e transmissão. Kertesz discorre sobre experiência em regimes totalitários e a impossibilidade de elaborá-las, e questiona se suas experiências serviram de algo ou então se viveu tudo em vão; Benjamin reflete sobre as situações extremas que sobreviventes da primeira Grande Guerra passaram e a pobreza da experiência que não podia ser transmitida; Agamben questiona o lugar da experiência na sociedade moderna e problematiza o que é o contemporâneo, se as vivências ocorrem rapidamente demais não há como apreendê-las e portanto não há possibilidade de experiência.

O saber da experiência é aquele que se dá no encontro da vida com o conhecimento, é o que dá sentido àquilo que nos acontece (LARROSA, 2014) e se contrapõe ao saber técnico e cientificista, o último tomado como saber máximo na academia. Se o saber da experiência não é levado em consideração, teria valido a pena viver? Tomando o necropoder, estaria o saber da experiência compondo esta tensão entre a vida e a morte?

Boaventura de Sousa Santos, em entrevista com Lorca (2018), considera que os conhecimentos rurais, urbanos, populares, das mulheres, ou seja, saberes da experiência, não são importantes para a academia, porque a universidade não se desconolizou. Segundo ele, "(...) a universidade deve fazer uma profunda autocrítica, contra si mesma. Deve deixar da ideia arrogante de que é a única fonte de conhecimento, abrir-se para dialogar com outros saberes." (LORCA, 2018, tradução própria)

Além disso, Boaventura, em entrevista com Guilherme e Dietz (2015), cita duas tendências as quais considera que foram fundamentais para uma abertura maior da universidade: a reivindicação de setores marginalizados pelo reconhecimento de seus

saberes e o movimento da sociedade em exigir uma aproximação maior da academia, uma democratização da ciência.

Apesar da aproximação com pautas políticas e sociais inclusivas, a universidade teve que adotar estratégias neoliberais (COSTA, 2017). Quando a universidade se fecha para os saberes de populações historicamente oprimidas, como negros, indígenas, mulheres, LGBTQs, pobres, dentre outros, ela está fazendo parte deste modo de governar em que a vida dessas pessoas não vale a pena ser vivida, o necropoder se faz presente assim, porque as experiências advindas destas vidas não são tidas como legítimas. O saber acadêmico entra em choque com o saber da experiência, porque o primeiro em sua forma dominante produtivista e empreendedora de individualismo não pressupõe o segundo que implica o tempo do encontro com a diferença e o rompimento do silenciamento de como a experiência de aprender acontece.

É necessário criar um regime de visibilidade para esses conhecimentos e modos de viver desconsiderados pela vida acadêmica instituída, visto que eles já estão presentes cada vez mais na universidade, através de uma juventude que se confronta com perguntas sobre o horizonte da sociedade brasileira e que movimenta vozes e gritos. Salas de aula e grupos de extensão vem sendo povoados pela expressão de grupos negros e indígenas que dizem de suas vidas, que confrontam a branquitude¹, não só dos corpos que habitam os prédios, mas também das letras de livros, artigos e projetos de pesquisa. O regime de visibilidade nos faz olhar para os modos de opressão vividos no espaço que constitui a referência para produzir um conhecimento que contribua na formação de profissionais, que busca uma mudança social em direção a justiça, a solidariedade e a democracia (Brasil, 1996; FORPROEXT, 2012). A dor vai tomando forma à medida que as relações de produtivismo nos modos de conhecer sussurram e ecoam em corpos uma pergunta: para quê nos tornamos empreendedores de si numa universidade pública?

¹ Branquitude se refere a traços de uma identidade racial do branco brasileiro, a partir de locais de privilégios construídos pelo processo de branqueamento, desigualdade social e discriminação racial. Ver mais em Branqueamento e branquitude no Brasil In: Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58)

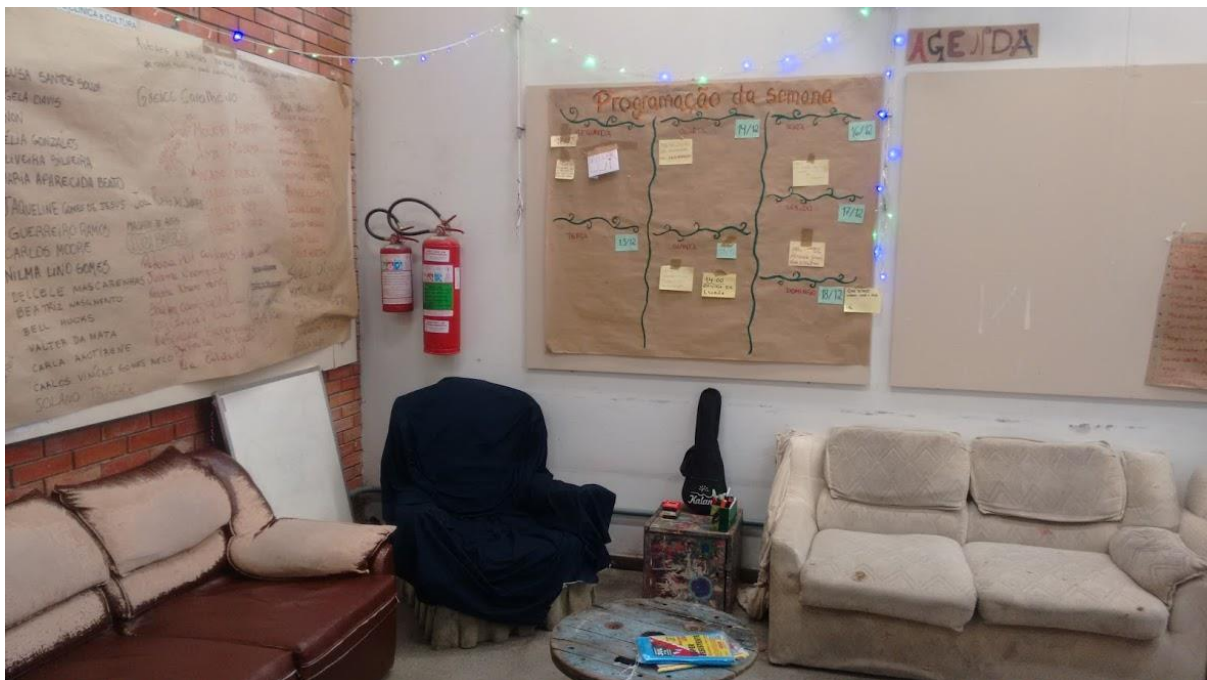
8. Narrativa III – a Ocupação fala

Eu estive acostumada com reivindicações de professores, alunos e servidores a minha vida toda, greves eram relativamente comuns. Mas naquele ano algo diferente aconteceu. Primeiro, houve a ocupação de um dos meus prédios: a Reitoria. O sistema de ingresso pelas ações afirmativas estava em questão e os estudantes se mobilizaram para ocupar um espaço onde na maior parte do tempo eles não estavam presentes, sendo o movimento negro o maior protagonista. Alguns meses depois, o governo ameaçou congelar o dinheiro da educação por 20 anos! Todos ficamos preocupados, como eu iria sobreviver sem verba suficiente? Mais uma vez, os estudantes ocuparam prédios, porém, dessa vez foi muito maior. Foi bonito ver tantos jovens unidos por uma causa, por mim, mas também tive medo do que poderia acontecer com eles (e comigo também). Foram mais de 50 dias que esses alunos que antes iam e vinham passaram a morar comigo. De repente, eu não estava mais tão solitária. Dia e noite contava com eles para me fazerem companhia, além dos trabalhadores terceirizados que sempre estiveram ali nas noites e poucos notavam. Como explicar o que aconteceu nesse tempo que dura até hoje em mim e neles? Vasculho na memória dos prédios lembranças daquilo que se passou, algumas encontram-se impressas na parede, mas a maioria pode ser invisível àqueles que não olham com atenção. Para ser fiel à ocupação, deixo que as vozes daqueles que ocuparam sejam ouvidas daqui para a frente.

8.1 Diário de bordo da ocupação

24/11/2016: Nós, estudantes de Psicologia e Serviço Social, estamos ocupando o Instituto de Psicologia há 24 dias. Esta pasta é uma espécie de Diário Coletivo para colocarmos tudo que quisermos sobre a ocupação. Você ocupante ou visitante que quiser deixar um registro, texto, desenho, imagem, recado, qualquer coisa que possa ficar de memória desses dias históricos, coloca aqui.

Teremos um registro para todos que vierem futuramente compor essa comunidade saberem o que aconteceu aqui e para os que participaram lembrarem desses dias de luta que seguirão.



Sala de estar ou saguão de entrada do prédio do Instituto de Psicologia

Era um prédio tão pequeno quando se tornou grande. Eram pessoas tão impessoais quando se tornaram complexas. Era uma casa, um prédio, no qual se podia dormir no sofá e acordar em uma sala. Tornou-se um prédio de pessoas. De carne e osso. Foram levantadas paredes, enquanto eram derrubados muros. Pixou-se paredes que foram silenciadas. Pixou-se de novo. Criou-se arte onde só havia espaço. "Nenhum direito a menos" dizia o cartaz. "Não ao golpe nos direitos" e a "educação não é mercadoria" dialogavam sobre o porquê de tudo isso estar acontecendo.

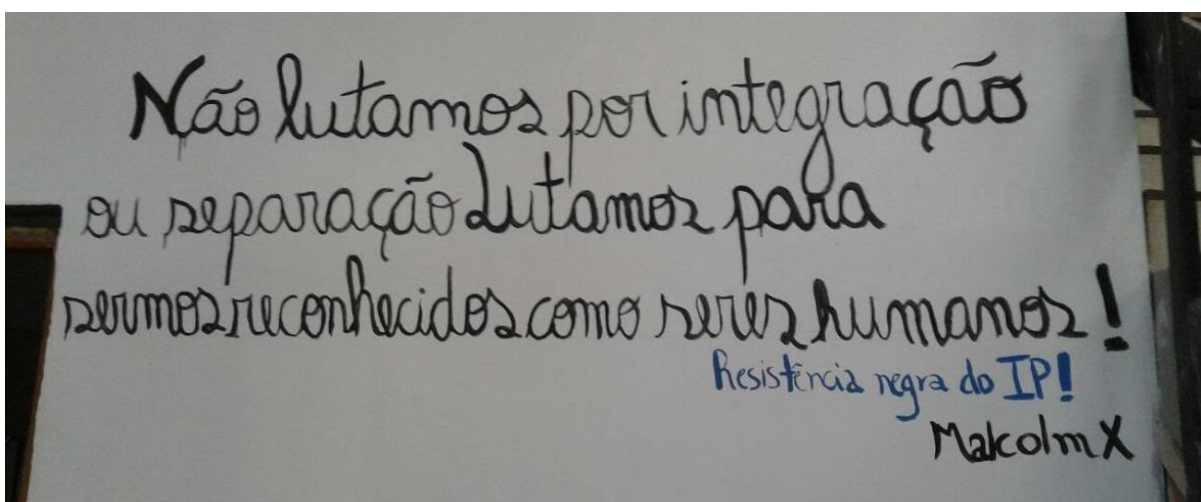
Enquanto as pessoas caminhavam feito zumbis pelas rondas noite à dentro, outras tantas traziam seus talentos para compartilhar. Algumas outras ficavam apenas sentadas e conversando, outras tantas somando. Era quase um sonho poder presenciar tudo isso. Aqui "o tempo não fez sentido, me fez sentir". Aqui enquanto as nuvens choravam e os pássaros cantavam, todos estavam em assembleia desconstruindo e construindo.

Houve choro e houve riso. Houve aqueles momentos de silêncio e, também, de rodas de samba. Aconteceu de ukulele virar cavaquinho e de balde tornar-se tambor. Pessoas ficaram mais tempo acordadas do que dormindo, outras mais tempo limpando do que sujando. Algumas mais cozinhando do que comendo. Outras, infelizmente, apenas reclamando. Mas acontece. Vi pessoas que mudaram de aparência, outras de endereço.

Pudemos amar nesse lugar e também odiar. Pudemos ser artistas por um dia e sonhar a noite toda. Todos pudemos ser nós mesmos ao mesmo tempo que éramos, sempre um pouco do outro. Nos perdemos e nos descobrimos.



Parede do lado de fora do Diretório Acadêmico Samuel Eggers, o Incrível



Escrito na parede do primeiro andar do prédio, realizado durante ocupação.

A ocupação do IP durou 50 e tantos dias, foram dias de suor, lágrimas e luta. De repente pessoas que nem se cumprimentavam nos corredores, passaram a dormir uma ao lado da outra. Salas de aulas tornaram-se quartos improvisados, o diretório acadêmico virou uma cozinha e a recepção do prédio era a sala de estar. Com a ajuda de alguns professores e outras pessoas, foi possível resistir ao imperativo de desocupação que vinha por parte da Reitoria e uma parcela de alunos. As pautas iniciais do movimento não foram atendidas, os retrocessos por parte do governo federal passaram, porém a experiência que se produziu nesses dias foi suficiente para se fazer pensar sobre posições que se ocupam na universidade, os lugares e não-lugares do estudante e do professor, as produções de subjetividades que se dão e que não permitem que se possa haver uma mobilização sem que se pare o tempo da academia e da produção.

A ocupação foi um período de suspensão temporal, no que tange os sentimentos que ela despertou. Acordar de manhã e ir até o Instituto de Psicologia, não para ter aula, mas ocupar um prédio. Chegando lá, quem será que encontraríamos? Não sei, a cada momento os ocupantes se renovavam. Largar a mochila num canto, fazer o que precisava ser feito. Às vezes, era ir para a “cozinha” ajudar no preparo de alimentos - que tinham que contemplar a todos, àqueles que comiam carne, aos vegetarianos, aos intolerantes a qualquer alimento. Sempre era separado um prato para o vigilante que estava trabalhando no turno, mesmo não ocupando da mesma forma que nós, ele ainda sim fazia parte daquela ocupação. Às vezes, chegávamos e uma atividade estava acontecendo ou prestes a acontecer. Seja uma oficina de pin lux (máquinas fotográficas feitas de caixa de fósforo) ou uma conversa com indígenas sobre seus costumes e cultura ou professores compartilhando experiências da juventude ou um economista dando uma aula sobre dívida pública ou pessoas em situação de rua compartilhando sua experiência de ocupações. Às

vezes, uma assembleia nos esperava - horas intermináveis de discussões que pareciam não nos levar a lugar nenhum, mas era justamente esse lugar que precisávamos ir. Algumas noites passamos conversando, cantando no karaokê, falando sobre nossas vidas, conjecturando o futuro próximo ou jogando truco. Todos os dias, novidades chegavam de todos os lados, alguém sempre sabia o que estava acontecendo na ocupação ao lado ou entre os professores ou estratégias para o próximo ato. Todos os dias discutíamos nosso futuro como ocupação. Todos-os-dias.

Experienciamos uma duração enquanto ocupação, cada momento vivido na ocupação representava muito mais do que estávamos acostumados a absorver. Uma noite em específico representa um tipo de delírio coletivo que estávamos inseridos. Era um dia de ato público e conversamos que algumas pessoas permaneceriam na ocupação e outras iriam para o ato. Esperando o pior cenário possível, combinamos que as portas da ocupação fechariam às 22h e ninguém mais entraria ou sairia após esse horário. E onde a gente vai fumar? alguém perguntou. E se alguém precisar de abrigo? pensamos. Deixamos água e comida no diretório acadêmico, esse seria o refúgio de quem precisasse. Acompanhamos o ato por uma transmissão ao vivo no facebook. Tudo normal. Chegou a hora de fechar a porta, ninguém fechou. Mais uma hora passou, a porta continuava aberta. Chegou a meia-noite: já estávamos todos do lado de fora conversando despreocupados. Em algum momento, nos juntamos no diretório e repassamos nossos medos prévios o que nos causou risos histéricos. A tensão que vivíamos era tanta, o medo de que alguém nos atacasse fazia com que nos tornássemos um pouco paranoicos demais e quando nos dávamos conta disso, o que nos restava era rir de nós mesmos.

Preocupávamos com nós mesmos e também uns aos outros. Organizávamos quem iria cozinhar, quem iria fazer as rondas da noite, teríamos sono suficiente? Tal pessoa já comeu? Você tem lugar para dormir? Pode pegar meu casaco, tá frio hoje.

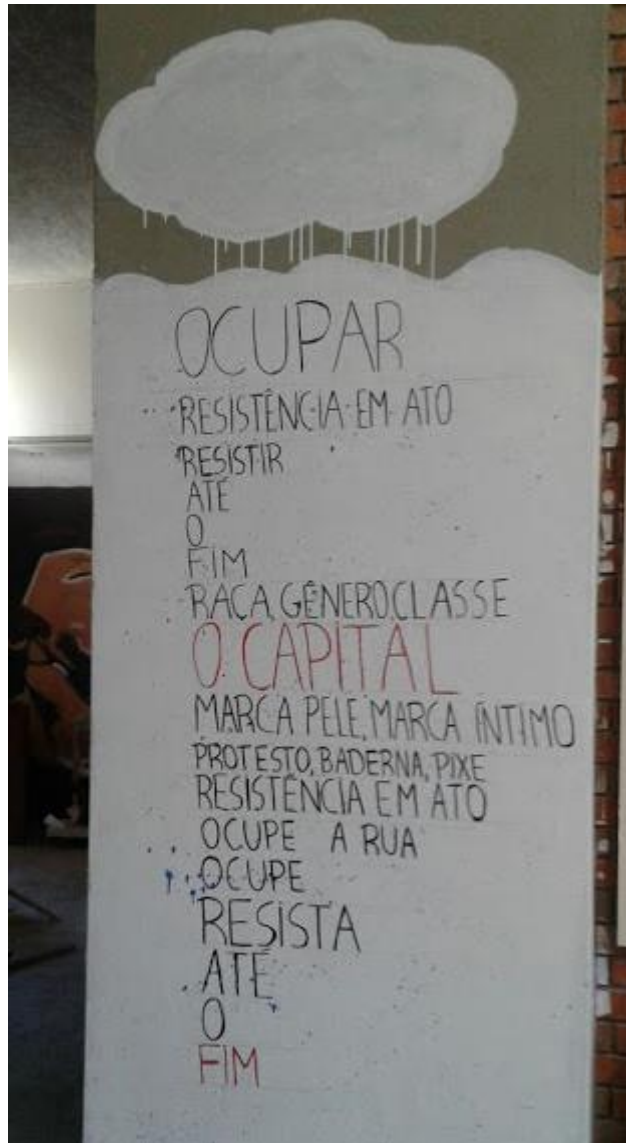
Ocupávamos conscientemente o mesmo espaço. Não eram colegas, eram pessoas que moravam juntas. Não era um “oi, tudo bem?” apressado, era “como você passou o dia de hoje?” “dormiu bem?” “quer conversar?”.

Luto enquanto verbo¹. É o jogo de palavras que permite marcar uma ação numa passagem. Uma ação em primeira pessoa: quem luta sou eu. Lutas pelo que? Pelo meu maior tesouro: existir no tempo.

Ocupar um espaço precarizado é criar um laboratório de inventividade política e se apropriar de suas urgências diretamente, se tornar responsável por ele². Mas mais do que apenas frequentá-lo enquanto um espaço de luta e trabalho, as pessoas se apropriam desse espaço como uma morada. Habitam lá e compartilham seus reclames cotidianos originários: comer, dormir, cuidar do espaço e de si mesmos, brotando uma urgência e um desejo de comunidade. A Ocupação, assim, para além do fazer político, transborda para um existir coletivo, onde política e afetividade se indissociam na sua prática. Onde existir virou pauta política, pois o simples ato de viver não basta.

¹ (Isoppo, 2017, p. 97).

² (Isoppo, 2017, p. 105)

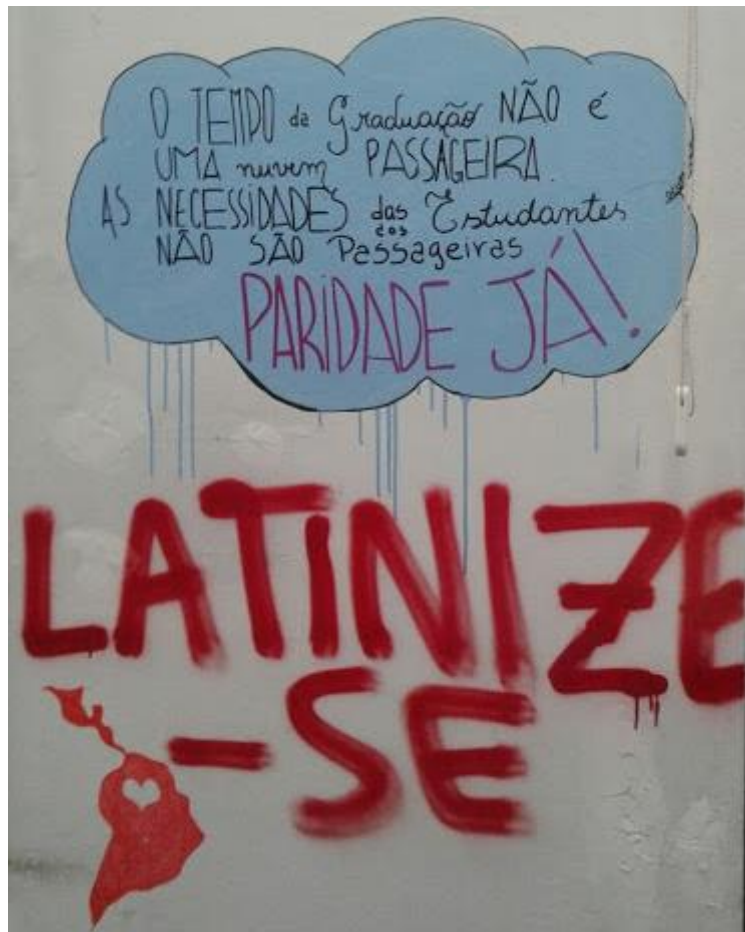


Escrito na parede do primeiro andar do prédio, realizado durante ocupação.

(...) os integrantes da ocupação foram, no seu cotidiano, se dando conta da importância de investir numa atuação política interseccional¹. Ao perceber que tais atravessamentos de opressões acabavam por oprimir determinados membros do grupo político e de certa forma colocando obstáculos na continuidade da agenda política do movimento, na medida em que muitos

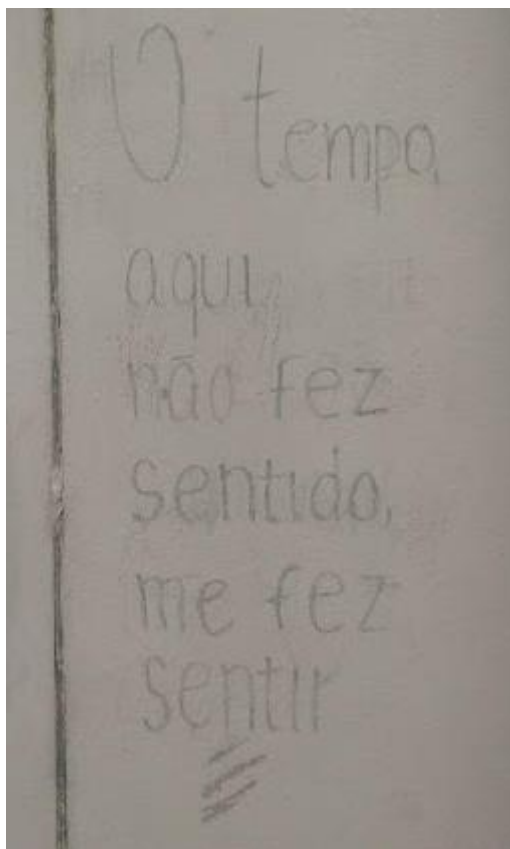
¹ (ROSA, 2018, p. 66)

conflitos internos aconteciam em decorrência das divisões de tarefas entre determinados grupos sociais, como por exemplo deixar às mulheres a responsabilidade da manutenção do espaço limpo e pela distribuição dos alimentos.



Escrito na parede do primeiro andar do prédio, realizado durante ocupação

(...) várias lembranças me vieram, da primeira noite de dormida na ocupação, pois eu era mais presente de dia¹. Das vezes (principalmente no início) em que eu pedia para que as pessoas fossem pra casa dormir, porque havia pessoas que estavam viradas há alguns dias. Sem se dar conta de início, estávamos cheirando uma cola das obras dos banheiros, então, claro que estávamos de certo modo enlouquecendo conjuntamente. É, a ocupação foi um pouco enlouquecer coletivamente. Da vez (e disso tem vídeo) em que nos trancamos no dap e cantamos a todo volume “o telefone tocou”. E de como escrevendo me vem as imagens das fotos dos momentos no terraço do prédio, e do primeiro dia em que recebemos uma ligação anônima pelo telefone do instituto, mandando em alto tom que descêssemos, pois poderiam chamar a polícia, pois alguém poderia cair dali.



Escrito na parede do primeiro andar do prédio, realizado durante ocupação.

¹ Relato da ocupação da estudante Francisca Dilger.

“Cada vez mais, eu e meus amigos temos transcendido a esfera individualista da rooteria, e evoluído para seus níveis épicos e coletivos, não apenas em palavras e sonhos, mas em atos concretos, como tudo que realmente é épico deve ser. Construimos uma oca no outrora desocupado e inútil pátio do Instituto de Psicologia, fomos para o meio do mato coletar material de construção, ocupamos reitorias, semeamos sementes e muitas outras coisas dignas de respeito. Porém, o que realmente importa é que estamos construindo um mundo melhor, e que, não importa o que acontecerá com nossos feitos depois que partimos, nós lutamos como homens e mulheres dignos e dignas de respeito e admiração. Isto é ser épico. Isto é a vida que vale a pena ser vivida.”¹

que dia mesmo que tudo começou? Oficialmente, foi dia 31 de outubro de 2016. O pátio (apesar de diminuído pelos tapumes da obra do ICBS) tava cheio! Foi quase consenso a decisão de ocuparmos? Foi! E aí, como foi? Pô, entrar no prédio e avisar, né?! Já tava escurecendo e em poucas horas já tínhamos juntado fogão, colchões, colchas e comida. Foi jogo rápido e desde então: muitas noites mal dormidas; muitos dias com trapo para fazer; muita programação boa; muita discussão; muita assembleia; muita discórdia e muuuuuita comida boa.

¹ Samuel Eggers, O Rootz e o Épico, 31 de outubro de 2010.



Porta da entrada do prédio.

Convite à chegância.

Convidamos a todos para estarmos juntos, permitindo um tempo de suspensão que possibilite troca de olhares, afetos, saberes.

Em presença, queremos rachar certezas que surgem de forma tão voraz e de lugares tão assustadores, abrindo um tempo para o não saber enquanto resistência.

Contra a paralisia dos corpos, este espaço coletivo se faz de conversa, reflexão, circulação e ação!

Diante de um tempo temeroso, uma
URGÊNCIA DE SUSPENSÃO

MENINA, NOSSA OCUPA
É CHEIA DE GRACA
É SEM MORDAÇA
~~PO~~ SE QUISER ABRACA
A NOSSA CAUSA
~~NÃO~~ CHEGAR
OCUPA, OCUPA TUDO

NOSSA OCUPA PENSA
PRA FRENO
O FUTURO DA EDUCACAO

POR ISSO AGORDAMOS
CETO
PRA COMPOR ESTA
CANCAO
DE MANHA

É OCUPA AQUI
É OCUPA LA
É OCUPA CA
OCUPA AOLA

AS MINA QUE METEM MEDO
~~EXE NÃO~~ AGENTIA
NA OS CARA SOMAM NA RODA
PRA ENTRAR ^{TRAZ} PREGUIÇA DE DOCUMENTO
A NA RA A GALERIA DA OBRA
FRENDO

Música composta durante a ocupação.

9. Ocupação: corpos em reunião

*Ninguém tira o trono do estudar
Ninguém é o dono do que a vida dá
E nem me colocando numa jaula
Porque sala de aula essa jaula vai virar*

(Dani Black)

A ocupação de espaços públicos geralmente se dá por algum motivo político, de reivindicações, contra alguma pauta ou a favor de outra. Porém, segundo Butler (2018), a própria reunião em si em um espaço público denota a reivindicação pelo direito de usar aquele espaço, pelo direito de aparecer e reunir-se em conjunto, pensar livremente sem o medo da repressão ou violência. Essas formas de ocupações possuem um significado antes de enunciarem algo, somente pela maneira como se dão.

A reunião em si é uma “representação corpórea concertada, uma forma plural de performatividade” (BUTLER, 2014, p. 187). Quais corpos ocupam? Quais têm direito a aparecer? A ocupação das universidades tinha como intenção reivindicações específicas em relação a projetos de governo, porém, também representaram uma luta contra uma política neoliberal de desmonte da educação e, principalmente, a luta pelo acesso à educação pública de qualidade, que vem sendo recorrentemente atacada.

Costa (2017) refere que além das estratégias neoliberais, como congelamento de recursos financeiros, o que se mostra perigoso é também “o processo de subnutrição de nossa imaginação política, da capacidade de coletivamente imaginarmos estratégias de resistência diante do que nos assombra nessa voraz e veloz noite que parece não ter fim”. (p. 22). Portanto, a ocupação também retoma um sentimento de coletividade, em um contexto em que o individualismo reina nas relações sociais, através da lógica do sujeito empreendedor de si que demanda que as pessoas vivam e ajam de maneira isolada. (BUTLER, 2018). Dessa forma, ocupar a universidade foi um movimento de reconhecer a precariedade as quais estamos sujeitos na realidade neoliberal e, mais que isso, reconhecer que não estamos

sozinhos/as e evidenciar que as situações são compartilhadas, contrariando o imperativo do individualismo imposto.

Além da possibilidade de reunir-se fora dos muros da sala de aula, como estudantes principalmente, a ocupação faz vivo o movimento de resistência da universidade.

O comparecimento, a permanência, a respiração, o movimento, a quietude, o discurso e o silêncio são todos aspectos de uma assembleia repentina, uma forma imprevista de performatividade política que coloca a vida possível de ser vivida no primeiro plano da política. (BUTLER, 2018, p.328)

A universidade sendo parte da sociedade em que vivemos está sujeita aos jogos de verdade do neoliberalismo, porém também pode ser um espaço de resistência ao regime que é dado. Os/as estudantes, professores/as, técnicos/as-administrativos e terceirizados/as têm vozes e devem usá-las, essa dimensão que a ocupação procurou retomar.

Podemos encarar essas manifestações de massa como uma rejeição coletiva da precariedade induzida social e economicamente. Mais do que isso, entretanto, o que vemos quando os corpos se reúnem em assembleia nas ruas, praças ou em outros locais públicos é o exercício - que se pode chamar de performativo - do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis. (BUTLER, 2014, p. 460)

Ou seja, a ocupação da universidade demanda por uma vida acadêmica em que se olhe para os modos de conhecer e que se cuide do conhecer, que se valorize o saber da experiência de aprender em seu acontecimento singular e coletivo, se permitindo sentir e olhar para as dores acadêmicas como potência de existir e de se fazer algo com esta expressão.

10. Considerações finais

Poeminho do Contra

*Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*

(Mário Quintana)

Quando iniciei este trabalho, parti do meu ponto de vista, da minha experiência pessoal e questioneei: não seriam essas dores acadêmicas compartilhadas? Ao olhar para o lado vejo que sim, são experiências que têm algo em comum. Este trabalho de conclusão foi uma tentativa de tentar elaborar essas experiências, dar sentido, nomear, fazer ver e falar.

No percurso da escrita, procuro refletir sobre a produção de subjetividade no contexto universitário pensando neoliberalismo e necropoder. O saber da experiência de estudantes que hoje acessam a universidade, por muitas vezes, não é considerado relevante. São estudantes negros/as e indígenas, principalmente, mas também mulheres, LGBTQs, entre outros, que tensionam o saber acadêmico que é colocado como verdade absoluta e muitas vezes nega suas existências. Ao nomear dores acadêmicas, me refiro a essas vivências como estudantes universitários que colocam em xeque o sentido que a universidade dá as suas próprias experiências.

A ocupação é colocada aqui como uma forma de resistência em um sentido amplo, seja ao governo, à sociedade, mas também às formas de produção de conhecimento na academia. Os escritos feitos nas paredes que permanecem até hoje indicam a necessidade de continuarmos vigilantes em relação à universidade e às políticas de educação. Existem sim modos de cuidar do conhecimento, que foram experimentados em um período específico em determinado contexto, mas que podem ser replicados em uma perspectiva inventiva da instituição. Há uma urgência em pensar o que fazemos a partir das relações às quais estamos sujeitos/as, além de dar luz às mesmas.

Com quem escrevo (Referências)

Foram diversas as mãos que me ajudaram a escrever e por vezes escreveram por mim. Várias eu não conheço, algumas convivem comigo. Principalmente, escrevi com minha orientadora/professora/amiga Gislei. Outras mãos que escreveram comigo não consigo citar, por me darem ideias em conversas, em silêncios, ou pela vontade de ser e viver, mas aqui fica a lembrança. Quanto às referências bibliográficas, encontram-se abaixo.

BRASIL. **Lei n.9394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece diretrizes e bases da educação nacional. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. E-book.

COSTA, Luciano Bedin da. **Aos que ainda escrevem**: a escrita acadêmica nos designs do neoliberalismo. Linha Mestra, n.33, p.21-28, [S. l.], set/dez 2017.

COSTA, Luis Artur; ANGELI, Andréa do Amparo Carotta de; FONSECA, Tania Mara Galli. Cartografar. In: **Pesquisar na diferença**: um abecedário /organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. Porto Alegre: Sulina, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** vol I. São Paulo: Editora 34, 1996.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia**: uma escre(vivência) de dupla face. Texto apresentado na mesa de escritoras convidadas do Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB, 2003.

FORPROEX. **Fórum nacional de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras**. Política nacional de extensão universitária. Manaus. Maio de 2012.

FOUCAULT, Michel. "Aula de 17 de março de 1976" In:_. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, p.285-315, 2005

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOV, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a, p. 231-249.

GALEANO, Eduardo. **Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2015

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**; tradução Maria Cristina F. Bittencourt. 21ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

GUILHERME, Manuela; DIETZ, Gunther. **Da universidade à pluriversidade**: Reflexões sobre o presente e o futuro do ensino superior. Entrevistado: Boaventura de Sousa Santos. Revista Lusófona de Educação, Lisboa, 2015.

H. HAMANN, Trent. **Neoliberalismo, governamentalidade e ética**. ECOPOLÍTICA, [S.l.], n. 3, set. 2012. ISSN 2316-2600. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ecopolitica/article/view/12910/9387>. Acesso em: 11 jun. 2019.

IBGE. **Atlas geográfico escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

ISOPPO, Rodrigo Schames. **Ensaio sobre o morrer**: como escrever sobre algo que não se fala?. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. E-book.

LIMA, Fátima. **Bio-necropolítica**: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 70, n. spe, p. 20-33, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 jun. 2019.

LORCA, Javier. **Boaventura de Sousa Santos y los desafíos de la universidad Bajo el asedio neoliberal**. Página12, Buenos Aires, 15 jun. 2018. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/121728-bajo-el-asedio-neoliberal>. Acesso em: 11 jun. 2019.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. Rio de Janeiro: Record, 1967.

MAURENT, Vanessa Soares. **Neoliberalismo, ética e produtividade acadêmica**. 2019. No prelo

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo, sp: n-1 edições, 2018

MÍDIA NINJA. [Sem título]. 2018. Fotografia. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/saiba-quem-e-marielle-franco-vereadora-do-psol-morta-a-tiros-no-rio/>. Acesso em: 23 jun. 2019.

NOGUEIRA, Renato. **Dos condenados da terra à necropolítica**: Diálogos filosóficos entre Frantz Fanon e Achille Mbembe. Revista Latinoamericana del Colegio Internacional de Filosofía/Revista Latinoamericana do Colégio Internacional de Filosofia, Valparaíso, 2018.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Vírgina; ESCÓSSIA, Liliana. Apresentação. In: _____. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Barbaroi, Santa Cruz do Sul , n. 38, p. 45-49, jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010465782013000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 jun. 2019.

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. **A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s)**. *Psicol. Soc.*, Porto Alegre , v. 19, n. 3, p. 14-19, Dec. 2007 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 11 Jun 2019.

PICCININI, Cesar Augusto *et al.* **Curso de Psicologia da UFRGS 40 anos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=001019092&loc=2017&l=1b4764cb97dcbd29>. Acesso em: 17 jun. 2019.

ROSA, Marcus Vinícius de Freitas et al. Universidade e discussões interseccionais: ocupações e suas reverberações. In: **Políticas públicas, relações de gênero, diversidade sexual e raça na perspectiva interseccional** / organizadores Marcus Vinicius de Freitas Rosa ... [et al.]. – 1. ed. – Porto Alegre : Secco Editora, 2018.

SANTOS, Guilherme. [Sem título]. 31 mar. 2016. Fotografia. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2016/03/veja-as-manifestacoes-pela-democracia-em-diferentes-capitais/>. Acesso em: 23 jun. 2019.

SARAMAGO, José. **As intermitências da morte**. 4ª ed. Lisboa: Leya, 2011.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. **“Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social**. *Psicologia Política*, 17(39), p. 203-219. 2017